

# OS SABERES DE UM NARRADOR DE SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA DO PARÁ<sup>1</sup>

Elcio Sant' Anna<sup>2</sup>  
Faculdade Unida de Vitória - FUV

**RESUMO:** Este é um estudo do saberes dos encarregados de comitivas de esmolação de São Benedito de Bragança do Pará que atua para as festividades beneditinas, uma tradição de 229 anos. A iniciativa de narrador de São Benedito a rigor funciona com suporte das devoções do catolicismo caeteara. Sendo atividade principal do encarregado de comitiva receber as doações dos promesseiros e realização de rezas e ladainhas em suas casas, sub-repticiamente torna-se canal do fluxo das narrativas de São Benedito que circulam nas regiões de município de Bragança. É assim que a pesquisa mostrou entre os anos de 2010 a 2016 estes agentes de fé beneditina, a pesar de sua subalternidade, agem para o fortalecimento da crença. Assim além da agência leiga do ritual católico quer realizando ladainhas, carregando as imagens de São Benedito, cantando o cancionero devocional, e até mesmo fazendo batuques, trazem para todos que quiserem ouvir as histórias de santo. Esta é a trama dos fazeres do narrador de São Benedito, perfazendo uma malha ingoldiana de caminhar, jogar bandeiras, rezar, cantar, batucar etc, no trajeto percorrido todos os anos de março a dezembro em favor do povo que clama por uma ação do sobrenatural na dura vida do fieis bragantinos.

Palavras-chaves: Saberes – Narrativas – Devoções



<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais (Antropologia) pela Universidade Federal do Pará e mestre em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo – UMESP), professor no curso do programa de pós-graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória (PPGCR-FUV). Atualmente tem concentrado suas pesquisas das relações entre Ciências Sociais e a pesquisa bíblica, enfatizando temas como: etnografia, narrativas de religiosos, mitos e ritos, revistando narrativas e estruturas sociais dentro de perspectivas contemporâneas.

## INTRODUÇÃO:

Quando fui conversar com o seu Batista, encarregado da Comitiva de São Benedito das Colônias de Bragança do Pará, em um dos ramais do município de Tracuateua, aconteceu uma situação muito interessante. Era um dos poucos momentos de descanso para comitiva. Não queria atrapalhar seus instantes de lazer. Por isto, perguntei-lhe se podia entrevistar um dos rapazes da comitiva sobre as histórias de São Benedito. E para a minha surpresa, seu Batista interrompeu o seu repouso para conversar comigo. Foi ali que confirmei que existiam os detentores do conhecimento daquelas narrativas.<sup>3</sup> O seu Batista era um dos portadores de São Benedito. Bem que poderia ser um dos “donos de São Benedito”.<sup>4</sup> Mas antes de tratar do narrador devo falar do devoto.

### 2. As ladanhias:

Um dos ofícios do encarregado de comitiva de esmolação de São Benedito é ser um rezador. Nas oportunidades que o esmolador de São Benedito entra nas casas dos promesseiros deve realizar a ladainha de modo participar ativamente deste que é um catolicismo de devoção-promessa. Após o devoto pedir uma benção ao Santo, faz uma promessa de uma esmola para o Santo, que só se confirma em decorrência da dádiva, a recepção do santo e ladainha e a cantoria em sua casa. Logo um saber de um Encarregado de comitiva é conhecer a ladainha completa. Uma vez perguntei ao seu Batista como foi que ele aprendeu. Eles me disseram leva tempo:

*BATISTA: Por exemplo, um rezador tem que botar muito verso na cabeça. Pra reza uma ladainha... primeira a ladainha era chamada de ladainha nossa latina. Só tem a primeira palavra latina: “Quiara Lazon... Quiara Lazon...” Tem que aprender isto. A palavra que começa a ladainha “crista lazon de nó”.<sup>5</sup> Então as outras são mais fáceis. Aí tem que carregar... e às vezes você nem entende. Para a gente aprender isso tem que andar com o Santo, e andar, tem o som do tambor e tem som da toada, tem os versos. Na esmolação é um som, na chegada e na Ave-maria e outro som. Cada um tem um som diferente.*

---

<sup>3</sup> BRANDÃO apud, PEREIRA, Luizmar Paulo. *Op. Cit.*, p.101.

<sup>4</sup>SILVA, [Dário B. R.](#) Nonato da. *Os Donos de São Benedito: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX.* 2006. 202f. Dissertação (mestrado em História Social) Centro de Filosofia e Ciências humanas – UFPA – Belém, p.167.

<sup>5</sup> A ladainha declamada em um latin cabloco, supreendente que esmolador comhece por completo.

Eu pedi de forma respeitosa mostrasse a ladainha para mim de uma forma lenta que pudesse entender o que ele dizia. Mas foi-me impossível entender. Só pude transcrevê-la com ajuda de recursos ligados ao trabalho do Instituto de Artes do Para através do seu Centro de Experimentação Artística. Quando comparei o que o seu Batista me tinha dito com o que li no CD-ROM das *Ladainhas de São Benedito da Marujada de Bragança* que conseguir ver que se tratava do mesmo canto que diz:

*Quiara Lazon, crista lazon de nó, patre de sela dê, oh!*

*Misarê de nobe*

*R. Filho redentor, mãe de Deus ô me misarê ierê nobe*

*Espírito Santandês ó, Santa trere nós Deu ó,*

*Santa Maria e ora pro nobe.*

*R. Santa de Ginitrê, ora pro nobe*

*Santo Vigor vígina, mater em cristian, mater devine graciê*

*e ora pro nobe*

*R. Mater Puríssima, ora pro nobe*

*Mater castíssima, mantem violata*

*Madre de intermarata e ora pro nobe*

*R. Mater amabile, ora pro nobe*

*Mater admirabile, mater criatório*

*Mater de Salvatório e ora pro nobe*

*R. Virgon Prodentíssima, ora pro nobe*

*Virgon venenranda, virgon pé de cândida*

*Virgas um pote e ora pro nobe*

*R. Virgas um crime, ora pro nobes*

*Virgon Fidéli, expre com enjusticias,*

*Filho de sapiense e ora pro nobe*

*R. Causa nós estrela antissirré, ora pro nobe*

*(...)*

*Consolates aflitório ao senhor cristionário*

*Regina vagilário e ora pro nobe*

*R. Regina patricário, ora pro nobe*

*Regina profetário, Regina apostelário*

*Regina mátero e ora pro nobe*

*R. Reginas confessário, ora pro nobe*

*Regina Vígina, Reigna Santaroane*

*Regina Sílima, vós comcepta e ora pro nobe*

*R. Regina do santíssimo Rosário e ora pro nobe*

*E agnos Deus, que ta nos pecater Mães de Deus*

*Que ta nos pecater Mãe de Deus,  
Passe-nos dignos domine  
(...)  
Misarê ierê nobe.*<sup>6</sup>

Na verdade a ladainha é bem mais extensa, sendo que para restituir todo ritual que pode se delongar por mais de 45 minutos, tive que contar com a ajuda do material editado Instituto de Arte Paraense para reconstituir a ladainha na casa do promesseiro.<sup>7</sup>

Foi assim que realmente tive uma pequena noção da dificuldade que os esmoladores têm de guardar em relação às ladainhas. Mas com o tempo, vários dos integrantes das comitivas podem viraser, exímios rezadores, sabendo por completo todo o ritual nas casas dos promesseiros. E é muita coisa mesmo.

### 3. Hagiografias:

Os encarregados de comitiva de esmolação também dominam outro tipo de conhecimento, Eles conhecem a hagiografia do santo. É claro que não um versar ilustre tal como as elaboradas presentes em catecismos fundamentadas pela pesquisa dos cléricos. Mas com uma linguagem do homem do campo. Neste contexto que o seu Batista falou-me da hagiografia nos termos oficiais, relacionando-a de maneira clara tradição de esmolado, dizendo:

*Aí ali ele ia levando a bandeja coberta com o manto. Aí o padre disse: Benedito para aí, o que você vai levando aí. Ah, padre eu vou levando flores para o altar do Santo. Aí o padre olhou o manto, e era FLORES.*

*Quando chegou lá as flores viraram comida. Por sinal, até hoje há muita criança atrás de São Benedito. E aí as pessoas querem ralar com as crianças. “o rapaz não, porque as crianças são do começo de São Benedito”! Ele fez a primeira caridade com as crianças. As vezes a gente chega numa casa e tem uma mesa para a crianças. Tem menino a beça, mas também muita menina. Então quando a gente chega nas casas, a família mata o boi, mata o porco. Olha só de porco. Quantos porcos já foram? [perguntou em voz alta] Noventa e três porcos foi morto. Então é nesta caminhada. Fora os bicos de criação, boi foi bem uns quatro. Bicos é galinha, é galo, é pato, peru.*

---

<sup>6</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes (Org.). Ladainha de São Benedito da Marujada de Bragança. *Liturgias Ribeirinhas*, n. 2, Belém: IAP, 2002. CD-ROM.

<sup>7</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Op. Cit.*, p.4-6 (vide também no Apêndice 5: A marujada nas ladainhas cantigas e poesias).

*Dá muito para gente aí. Então aonde vai é aquela FESTA, porque o povo vai também.*

*(...)*

*A gente chega na casa, vai JOGANDO A BANDEIRA,<sup>8</sup> veste uma roupa. Os três que chegaram, foram os da bandeira, e o do meio, tem um contra-alto de baixo da bandeira e o da folia, batendo tambor, os detrás acompanhando. Então a que vai levando [o Santo] é a promesreira da casa e vai entregar o Santo para a promesreira da outra<sup>9</sup> casa.<sup>10</sup>*

O seu Batista tem o conhecimento da hagiografia de São Benedito. Sabe a história do milagre dos pães que se converteram em rosas, como também o milagre da criança que foi ressuscitada. Mas rapidamente a relaciona ao contexto da folia, do movimento de meninos e meninas que vão atrás da comitiva, ouvindo as músicas, acompanhando a ladainhas de São Benedito.

Um aspecto importante que vale a pena considerar é que para o seu Batista não há distinção entre a hagiografia e o cotidiano. A forma de lidar com as narrativas é de entrelaçar *vita* do Santo como os acontecimentos na caminhada.<sup>11</sup> É uma espécie de pensamento por complexos.<sup>12</sup> A narrativa apresentada por seu Batista apresenta-se híbrida,<sup>13</sup> não podendo ser reduzida a uma unidade primária, principalmente porque em sua mente é uma coisa só.

#### 4. As narrativas:

Os membros das comitivas de esmolação de São Bendito têm diversos conhecimentos fundamentais a performance do seus ofícios. Eles têm que saber cantar as ladainhas, têm que tocar vários instrumentos, (reco-reco, tambores diversos), que saber as músicas. Eles sabem as histórias do Santo, já celebradas pela

---

<sup>8</sup> Movimentos laterais, em que as bandeiras de São Benedito funcionam como estandartes que se cruzam formando uma dinâmica que facilmente é percebida a distância.

<sup>9</sup> A única vez que eu ouvi a palavra folia em Bragança, foi esta mencionada pelo seu Batista.

<sup>10</sup> BATISTA. Entrevistas. Tracueteua, 01/09/2013.

<sup>11</sup> O texto corta o rigor do tempo com o imaginário; reintroduz o respectivo e o ciclo na linearidade do trabalho. Mostrando como, através de santo (uma exceção), a história está aberta ao “poder de Deus”, cria um lugar onde o mesmo e o lazer se encontram. Este lugar excepcional abre, para cada leitor, a possibilidade de um sentido que é ao mesmo tempo o alhures e o imutável. O extraordinário e o possível se apoiam um no outro pra construir uma ficção posta aqui a serviço do exemplar. Esta combinação, sob a forma de um relato, representa uma função de ‘gratuidade’ que se encontra igualmente no texto e no seu uso. É uma poética do sentido. Não redutível a uma exatidão dos fatos ou da doutrina sem destruir o próprio gênero que enuncia. Sob as aparências de uma exceção e de um desvio (quer dizer, pela metáfora de um caso particular), o discurso cria a liberdade com relação ao tempo cotidiano, coletivo ou individual, mas constrói um não lugar. CERTEAU, Michel de "Uma variante: a edificação hagio-gráfica". Em: *A Escrita da História*. 2a.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 270.

<sup>12</sup> VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.91-101.

<sup>13</sup> LATOUR, Bruno. *Crise: a proliferação dos híbridos. Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 2013, p.17.

tradição. Todavia, todo este conhecimento, cada membro da comitiva pode chegar a ter. Mas o conhecimento das narrativas fruto da caminhadas de São Benedito, apenas os Encarregados das comitivas têm. Eles são os portadores destas histórias. Foi isto que o seu Careca tinha categoricamente dito a respeito do seu Adevogado, antigo Encarregado de comissão de São Benedito, que tinha atuado no tempo de seu Arsênio Pinheiro. Seu Adevogado quem tinha contado a narrativa de São Benedito para ele:

*A história que sou conhecedor é que na época aqui na esmolação do Santo da praia. São Benedito ia passando numa fazenda. Onde lá um fazendeiro tinha um gado mais bonito de sua casa. Então tava ferrando, vacinando. E uma das vacas mais bonitas esta para ter, hum! ter que ter o bezerro. Mas ela não conseguia até aquele momento para ter o bezerro. Então certo dia, o dono veio a Bragança para ver o veterinário. E o veterinário foi lá. Viu lá disse que... Fez todo o tratamento e não teve condições, no que ele repassou pro dona da fazenda que a vaca, o mamote, o bezerrinho iam morrer porque não tinha passagem. Mas a mulher do fazendeiro era uma pessoa muito devota, muito prometteira, ouviu os batuques de São Benedito. E chamou e correu, disse: marido, marido! E disse: marido, **olha, vai passando o São Benedito.** Vamos pedir para ele! Oh mas mulher, se o veterinário não deu certo, isto também não vai dar, mas faz a promessa. E a mulher foi no meio do curral, se ajoelhou e pediu para São Benedito. Se ele fizesse que a vaca não morresse, o bezerro seria de São Benedito.*

*Logo ela fez o dito, passou a noite. E a vaca dele às altas horas da noite deu um berro grande. E ele bateu: mulher, mulher perdemo a nossa vaca. Quando foi de manhã cedo ela correu bem na direção do curral. E chegou lá, quando, a vaca estava de um lado deitada e o bezerro de outro. E ela voltou correndo pro lado dele e disse: marido, marido, a vaca está viva. Que viva? Tá colá. E saíram correndo e chegou lá e vaca estava pronta. Bezerro bonito e a vacona lá também. A vaca mais... o baitolão dele mais de oito litros de leite por dia. E aí ta.*

*Ai o bezerro com tempo foi se firmando, se formando. E vaca ficou bonita, toda... Dava leite bastante. E o bezerro foi o bezerro mais bonito do rebanho. Um cupinzão bonito. Um mamotão bonito. Quando chegou na época da festa, dezembro, ela disse: Olha marido, levar o bezerro. Mas mulher o melhor bezerro, melhor mamote do meu curral eu vou dar pra São Benedito. Eh mais é isto. Não mais eu não vou dar isto não. Vou dar outro. Aí o corro chegou para buscar o mamote. E aí abriam a porteira a porteira do carro e a porteira do curral. Tocaram outro mamote bonito que ele, mas não era o mamote titular como é de... E o mamote em todo tempo queria entrar. O mamote que antes era o de São Benedito. E nada de entrar o outro. E tava se aproximando a hora do leilão. E a mulher dele veio e disse: Marido deixa entrar o mamote de São Benedito. Mas mulher, é o melhor mamote do meu curral. Mas é este que tem que ir. Quer ver: abra a porta, e não toca, pra ti ver*

*que vai entrar o mamote do Santo. **Aí ele levantou a porteiros. E não tocou nada. Não tocou mamote nenhum. Aí o mamotão bonito veio, tek, tek, tek.** Subiu a rampa do curral, a rampa do carro, e entrou no carro. **Tu ta vendo, marido, este que é de São Benedito.** Ele disse eu vou pra esse leilão. Este é o melhor mamote que eu tenho no meu curral. E vieram trazer pro leilão.*

*Mas como este era o mamote mais bonito do leilão, a diretoria achou por bem deixar ele por último. Quando ele começou o leilão, e começaram a dar valores, e aí pá. Ele agonizado. O que ele botava, os outros cobriam. E toda aquela história, né. Então ele disse: é então eu vou perde este mamote. Mas eu tenho que levar este mamote, porque é o mamote mais bonito. Ele queria que mamote ficasse para reprodutor lá da fazenda. Quando o cara foi gritar: uma, duas, ele botou na época dez cruzeiros a mais do valor bruto. E o cara gritou: dez, dez, dez. Ninguém botou mais. Aí ele conseguiu arrematar o mamote. Aí levou o mamote ficou lá na fazenda lá.<sup>14</sup> (negritos meus)*

Muitas das histórias de São Benedito aconteceram na frente dos Encarregados. Estes sentem-se implicados visceralmente aos acontecimentos mencionados. Assim, o contar e o narrar sobre o Santo são suas tarefas. As histórias de São Benedito estão relacionadas aos acontecimentos que se dão na esmolação. Para eles, dentro das devoções beneditinas de Bragança, as comitivas do Santo são centrais.

Em outros contextos são mencionadas também outros relatos: às marujas e marujos, os almoços dos juízes, as cavaladas, as missas campais e procissão de São Benedito. Todavia, para que possa saber as histórias “verídicas”<sup>15</sup> que o Santo faz em Bragança, tenho que seguir o itinerário desde as comitivas do Santo. Para saber o que São Benedito faz nas colônias, nos campos e nas praias tem que dedicar tempo ouvindo pessoas como o seu Batista, contando o que o Santo faz dia a dia na vida do povo durante a caminhada.

No entrelaçamento das linhas das *meshworks* da vida é que as coisas de São Benedito se dão. As comitivas de esmolação em seu itinerário, vão adensando dia a dia, diversas histórias que vão se emaranhando no concurso do sentimento de promesseiros,

---

<sup>14</sup> Vide Apêndice 3: Narrativas avulsas de São Benedito.

<sup>15</sup> Mesmo entre aspas, até hoje não sei esta é uma boa expressão, porque pode sugerir que esteja fazendo uso de registro de verdade e mentira. Não se trata disto, a final de contas não serei aquele que deve aferir a justeza das coisas. Gosto de pensar que sou como o tal “pintos chinês, que perseguido por credores, pintou um ganso na parede, montou nele e fugiu voando”! Tudo é uma invenção e tudo é verdadeiro na intenção dos narradores de São Benedito. WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: CosacNaify, 2010, p.37.

que vão sendo revelados no falar dos Encarregados. De modo que as coisas vão ficando cada vez mais claras. As pessoas vão chegando diante da comitiva como o local em que suas histórias vão sendo apresentados, seus sofrimentos e suas dores. E seus pedidos e atendimentos vão se materializando.

## 5. Abordagens;

Para poder as narrativas de São Benedito quero retomar um ponto levantado por Ingold sobre as transformações nos impulsos do deslocamento humano. A fragmentação das viagens provocou uma série de modificações aludidas por ele como: “a caminhada é substituída pelo destino (...) narrativa é substituída por enredo precomposto”.<sup>16</sup> Assim como a caminhada é análoga à narrativa, mas o enredo precomposto é comparável ao destino em Ingold.

Se o enredo trágico, segundo Aristóteles, é a combinatória dos fatos narrados para produzir a mímese que é o efeito estético do pavor e da compaixão,<sup>17</sup> então o enredo é a síntese ou organização<sup>18</sup> de todos os fatos visando conduzir as pessoas a suscitarem os seus sentimentos profundos.<sup>19</sup> Assim o poeta é visto como um “artífice do enredo”,<sup>20</sup> como objetivo principal é produzir uma composição, uma trama que provoque, além disso, as sensações de verossimilhança e necessidade.

Segre diz que a função do enredo é produzir uma “provisão” e não só uma previsão das descrições para o texto artístico. O enredo fornece uma estrutura que tem o objetivo de abastecer uma realidade alternativa, uma realidade alterada, virtual que “rejeita a assistemeticidade do mundo”. Isto de forma verossímil, de modo a gerar a mímese, os sentimentos desejados. O poeta e o narrador não devem ter que lidar com o mundo tal como se apresenta. A assistemeticidade do mundo é bizarra.

Neste sentido, o poeta e narrador mimetizam o mundo através do enredo, transportando o leitor e ouvinte para outros lugares. Estes dividem a mesma vocação com o estruturalista:

---

<sup>16</sup> Ver nota 557

<sup>17</sup> Id. Ibid, p.101.

<sup>18</sup> Id. Ibid, p.75.

<sup>19</sup> Id. Ibid.

<sup>20</sup>Id. Ibid, p. 99.



Para produzir a mimese do texto artístico, a natureza tem que ser recriada de tal forma que o resultado seja o sentimento esperado. O leitor, ou o ouvinte tem que sentir-se arrebatado. É necessário que pelo seu intelecto seja levado acompanhar o autor em sua experiência estética. Desta maneira o que se quer é incutir “sentimentos próprios” a mimese. Não se acredita que em um mundo real haja verdadeiros motores para o sublime.

As narrativas que venho a abordar não são resultado de um arranjo preestabelecido, fruto de uma mente prodigiosa, ou da aliança entre devotos e narradores. Essas são o resultado de algo muito mais simples e direto, a vivência de fé, no meio dos emaranhados dos acontecimentos, retido na mente dos Encarregados das

A competência do narrador no texto fixado deveria também ser exposta em termos movimentos e sinais. Exatamente como em Kristeva, o *display* e o *keying* deveriam mostrarem-se como correspondentes no processo de comunicação. O narrador/ator e a competência/performance são parte efetivas como dois discursos que se complementam para trazer à lume no texto, o exercício de autointerpretação do narrador. Assim a narrativa emerge no contexto da Comitiva de Esmolação de São Benedito, não só pela boca do Encarregado e um maior espectro comunicativo possível.

Se a **performance é uma experiência multissensorial**, onde vários elementos contribuem para construir/representar a experiência em si mesma – **e aqui entram fatores como movimentação corporal, o uso de diferentes sonoridades, e outros** –, persistem na antropologia limitações no sentido de comunicar a totalidade dessas experiências.<sup>21</sup>

Então devo sentir-me avisado pelas dificuldades que encontrarei a partir das limitações que me advirão em razão da própria antropologia que ainda está engatinhando nestas abordagens.

Em minha pesquisa, trabalho sob duas perspectivas: por um lado, da **performance como desempenho**, que pressupõe o envolvimento integral do contador no ato de narrar, seu desempenho vocal e corporal, ainda que a sua ênfase esteja no conteúdo, ou seja, no “evento narrado” (como ocorre nas narrativas pessoais); por outro lado, da **performance como espetáculo**, que envolve maior elaboração estética, lida com a linguagem poética, **exige a presença de uma audiência caracterizada como tal**, tem início e fim bem definidos, ou seja, prioriza o “evento narrativo” (é o caso de grande parte das performances dos *causos/cuentos* da fronteira).<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais ... p.132.

<sup>22</sup> Id. Ibid, p. 135.

Penso que Luciana Hartmann me traria dificuldades com a sua segunda perspectiva de performance, pois que implicaria no que ela chama de *performance como espetáculo*, que demanda formalmente “ a presença de uma audiência”. Porém, os Encarregados não encontram-se em contexto de espetáculos, a não ser, como rezadores, a gentes religiosos. Os Encarregados como narradores são figuras quase solitárias. São vistos falando em separado. Eles comunicam as narrativas de boca em boca. Todavia, as pessoas têm conhecido pouco a pouco suas histórias. Entretanto aqui, tranquilizo-me quando lembro que a *verossimilhança semântica* pode ser instrumento aferidor em qualquer ambiente, desde os contextos mais intimistas, minimalistas até aqueles que poderiam ser chamados de “audiência caracterizada como tal”.

Assumo assim o risco de adotar a metodologia de Luciana Hatmann para ficar em um objetivo aquém do seu interesse. Disponho-me apresentar as narrativas de São Benedito em sua perspectiva performática, com vista a reconstituir o mapa verbal dos Encarregados de Comitivas de Esmolação de São Benedito como um liame que entrelaça no final das contas, vivências de fé e festividades bragantinas.

Devo então, apresentar as narrativas adotando os *displays* e os *keying* propostos Hartmann. Portanto, para grafar o fluxo oral usarei os dispositivos sugeridos por ela:

- a) mudanças de linha indicam separação de sentenças e são relativas a pequenas pausas de respiração feitas pelo contador; b) letras maiúsculas indicam pronúncias enfatizadas em volume mais alto; c) repetição de vogais indica sílabas alongadas; d) grafia incorreta de algumas palavras busca representar sua pronúncia na oralidade...<sup>23</sup>

Este procedimento permite que possa apresentar as ênfases dos narradores, de um modo que fique claro, tanto tonalidades da voz, pausas verbais, períodos onde as ideias são apresentadas por completo, ou não. A tentativa de reconstruir a gravidade da situação, que pode ser demonstrada por sinais. Também outro mecanismo do orador que Hartman lança mão é a *reported speech* que é a evocação da fala do outro, dentro de uma postura dramática.<sup>24</sup>

Assim é se pode ver como ficaria a narrativa na forma de um display que pudesse conjugar as pessoas ligas ao discurso, o conteúdo de suas falas, e o fluxo vocal/gestual relativo a performance do encarregado de Comitiva de Esmolação de São Benedito, indicando a sua expertise relativo aos seus saberes e verossimilhança.

---

<sup>23</sup> HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais ... p. p.136.

<sup>24</sup> Id. Ibid, p.136 e 140.

Proponente	Conteúdo	Fluxo vocal/gestual
Elcio:	Quando o nenê estava passando mal e parou de mamá...?	
SEU PAULINO:	<i>Ele ainda não tinha mamado nada, ele tinha nascido naquela hora. É ele não chorou e não pegou peito.</i>	[enquadre de início - o contador assume a responsabilidade] [começo do discurso em prosa]
	<i>Não sei não senhor, Não sei o que era. Eu só escutei o foguete e o baque do tambor. Ah meu Deus tá na hora de São Benedito. Eu vou procurar... e disse: A manhã vai bem cedo na casa de seu pai. Ai ela disse: OH MEU SÃO BENEDITO FAZ MEU FILHO CHORAR E MAMÁ!!</i>	
	<i>Daqui pras quatro horas ele não vai mais poder ficar na minha casa. E quando foi para as quatro horas o menino mamou, pegou o peito. E ele se mexeu. Aí que eu escutei os foguetes da alvorada.</i>	
	<i>Aí eu falei olha velha, já estão soltando os foguetes da alvorada. Aí ela disse vai logo lá falar com o Encarregado. Aí disse ainda tá cedo. Quando foi clareando, eu montei meu cavalo e fui. Ele não chora, não mamava, nós sabia que estava vivo por que puxava a respiração. E não mexia de jeito nenhum.</i>	
Elcio	Lembra o que a senhora falou para São Benedito naquela hora?	
DONA NOCA:	<i>A minha sogra disse na hora: olha minha filha faça um pedido para São Benedito agora, porque ele é um santo milagroso.</i>	[dialogismo com related speech]
	<i>Aí eu me peguei com ele: São Benedito se o senhor fizer meu filho chorar, mamar, aí eu chamei São Benedito... aí todo ano ele fica na minha casa. Foi quando meu filho soltou aquele choro na mesma hora.... Eu disse vai logo para lá. Foi falar com o Encarregado. Aí o Encarregado disse que não. Porque tinha que ficar na casa do meu pai, porque meu pai era marujo. E que estava pedindo só agora. Mas no outro ano é que ficou na nossa casa...</i>	[dialogismo com related speech]
	<i>Isso vai fazer sessenta anos agora em dezembro.</i>	
SEU PAULINO:	<i>Nós tamos com setenta e oito anos.</i>	
Elcio:	Então desde aquela época, São Benedito vem para	

SEU sua casa?  
 PAULINO: *Não quando a casa era LÁ, ainda ficou quatro anos lá. De lá pra cá, uns cinquenta e cinco é aqui.* [retomada do discurso em prosa]  
 [apontou com o dedo indicador]

**Conclusão:**

Neste capítulo foi percebido é que pessoas tiveram um papel importante para a circulação das narrativas de São Benedito pelas regiões bragantinas. Para além dos devotos, existe uma figura que se responsabiliza pela distribuição das histórias do Santo que são encarregados.

As narrativas enfocadas foram aquelas que envolveram a devoção de colonos bragantinos. Era a memória dos que participaram dos rituais benetinos, abrindo suas casas, recebendo do Santo em seus lares para pagam promessas, oferecem “pornoites”, almoços e “jantas”.

Estas narrativas têm os Encarregados de Comissão, como portadores, “Narradores de São Benedito”. As narrativas da experiência de fé do colono obedecem a um circuito, um itinerário que são as colônias, nas regiões sudeste e sudoeste do município.

O Encarregado de Comissão de Esmolação de São Benedito tem uma série de tarefas: a) cuidam do moral do grupo; b) são rezadores; c) conhecem a hagiografia do Santo; e d) prestam contas donativos e carnês de contribuição.

Há somente um ofício não reconhecido do Encarregado, é o que de fato é “ser portador da história de São Benedito”. É ele quem pode ouvir o colono, presenciar sua fé, testemunhar sua dor. E em muitos casos participar da alegria do colono pelas graças recebidas. Tal ofício de fato existe, e por causa dos muitos anos que um Encarregado pode permanecer ocupando esta função, o acúmulo de histórias vai se dando de forma crescente.

Nestas narrativas a divindade é interferente, e o leva os devotos a participarem de rituais. Surgem no contexto das esmolações, formando uma malha de histórias, um emaranhado de narrativas pela região das colônias de microrregião, entrelaçando sentimentos de devoção e da experiência cotidiana. Surgem do chão das Colônias... Funcionam realmente como “suporte de devoção”, fazendo a manutenção do link entre cotidiano e os rituais, é que foi chamado “*Experiência agorática*”.

E é neste viés que as narrativas de São Benedito de Bragança devem ser lidas e ouvidas. As narrativas de São Benedito em sua perspectiva performática, devem ser vistas como “mapa verbal” dos Encarregados de Comitivas de Esmolação de São Benedito, que entrelaça vivências de fé e festividades bragantinas.

#### REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES. *Poética/Aristóteles*; edição bilíngue. PINHEIRO, Paulo (Trad. E Introd.). São Paulo: Editora 34, 2015.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BESSA, Dante Diniz. *Teorias da comunicação*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

BITTER, Daniel. *Bandeira e Máscaras*: Estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis. 203f. ( Tese de Antropologia - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IFCS – UFRJ – RJ). 2008.

BITTER, Daniel. *Bandeira e Máscaras*: Sobre a relação entre pessoas e objetos materiais nas folias de reis. Em: GONÇALVES, José Reginaldo Santos *et AL* (orgs.). *A alma das coisas*: patrimônio, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro: Mauad & FAPERJ, 2013.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. *A festa do “Santo Preto”*: Tradição e percepção da marujada bragantina. 2010. 166f. (Dissertação de mestrado - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília – UNB – Brasília),.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena*. o que nos faz pensar nº18, setembro de 2004.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena*. Em: *A inconstância da alma Selvagem*. São Paulo: Cosacnaify, 2011.

CERTEAU, Michel de "Uma variante: a edificação hagio-gráfica". Em: *A Escrita da História*. 2a.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2007

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano*: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert. Conceito de configuração. Em: *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2014, *pasin*, p.140-145.

FERNANDES, José Guilherme do Santos. *Pés que andam, pés que dançam: Memória e identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA)*. Belém: Eduepa, 2011.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre argentina, Brasil e Uruguai. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 125-153, jul./dez. 2005.

INGOLD, Tim. *Linhas: uma breve história*. . Petrópolis: Vozes, 2022.

INGOLD, Tim. *Being Alive: Essay on movement knowledge and description*. London: Routledge, 2011. Disponível em: <[https://geactblog.files.wordpress.com/2012/03/tim\\_ingold-ing\\_alive\\_\\_essays\\_on\\_movement\\_knowledge\\_and\\_description\\_\\_-routledge2011.pdf](https://geactblog.files.wordpress.com/2012/03/tim_ingold-ing_alive__essays_on_movement_knowledge_and_description__-routledge2011.pdf)>. Acessado em 16 de jun. de 2014.

INGOLD, Tim. *Estar vivo*. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Trad.: Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. *Estar vivo*. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizonte Antropologico*, v.18, n.37.2012.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LATOUR, Bruno. Terceira fonte de incerteza: os objetos também agem. In.: \_\_\_\_\_. *Reagregando o social*. Uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador, Bauru: Edufba, Edusc, 2012.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 2013,

LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 2010, p.29.

LOUREIRO, João de Jesus Paes (Org.). *Ladainha de São Benedito da Marujada de Bragança. Liturgias Ribeirinhas*, n. 2, Belém: IAP, 2002. CD-ROM.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. O perspectivismo indígena é somente indígena? Cosmogologia, religião, medicina e populações rurais na Amazônia. *Mediações*, Londrina, v.17 n.1, p. 33-61. Jan/jun. 2012.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pagés, santos e festas: Catolicismo popular e controle eclesial*. Belém: CEJUP, 1995.

MENEZES, Renata de Castro. Os santos parecem estar na moda: Entrevista. [10 de janeiro de 2010]. Porto Alegre: *Instituto Humanitas Unisinos*. Entrevista concedida a IHU On-line. E “Reflexões sobre a imagem sagrada a partir do Cristo de Borja”. In: P.

Reinheimer e S. P. Sant'Anna (Org.). *Reflexões sobre arte e cultura material*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013.

PEREIRA, Luizmar, Paulo. *Os giros do sagrado: Um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011;

*SAGRADOS MISTÉRIOS*: Sonora Brasil Circuito 2011/2012. Vozes do Brasil. Rio de Janeiro: SESC - Departamento Nacional. 2011.

SILVA, [Dário B. R.](#) Nonato da. Programação da Festividade de São Benedito de Bragança, ano 2013. Em: <http://www.bragafest.com/index2.php?pg=noticia&id=2061>. Acessado em: 11/08/2015.

SILVA, [Dário Benedito. R.](#) Nonato da. *Os Donos de São Benedito: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX*. 2006. 202f. Dissertação (mestrado em História Social) Centro de Filosofia e Ciências humanas – UFPA – Belém.

SILVA, [Dário Benedito. R.](#) Nonato da. *Esmolação de São Benedito de 2012 começa*. <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2012/04/esmolacao-de-sao-benedito-de-2012.html>. Acessado em 11/09/2015.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: CosacNaify, 2010.

WAWZYNIAK, João Valentin. Humanos e não-humanos no universo transformacional dos ribeirinhos do Rio Tapajós – Pará. *Mediações*, Londrina, v.17 n.1, p.17-32. Jan/jun.2012.